



Protagonismo da Mulher na Transição Agroecológica de acordo com método LUME - Avaliação Econômica-Ecológica de Agroecossistema
Protagonism of the Woman in the Agroecological Transition according to the LUME method – Economic-Ecological Evaluation of Agroecosystem

LACERDA, Tamara Rangel de¹; AMORIM, Edinéia Lima²; SANTA'NA, Dayse de Jesus Lima³; CARVALHO, Leonardo Lino⁴; RODRIGUES, Robson Aglayton⁵.

¹ Cooperativa de Consultoria Pesquisa e Serviços de apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável - COOPESER, tamara.rl@hotmail.com; ² COOPESER, nelhalima@hotmail.com.com; ³ COOPESER - dayse.la@hotmail.com; ⁴ Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte – COFASPI, leonardo.cofaspi@gmail.com; ⁵ COFASPI, robsoncofaspi@hotmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: As mulheres contribuem diretamente com o processo de transição agroecológica, contudo ainda ocupam uma posição subordinada na gestão do agroecossistema familiar. As questões de gênero estão definidas nas premissas agroecológicas, e este trabalho propôs estudar as relações familiares como forma de contribuir para desvelar o lugar invisível que as agricultoras ocupam, fortalecendo assim experiências no campo das pesquisas em feminismo e agroecologia. O objetivo foi analisar a atuação da mulher em transição agroecológica na família Maia, participante da política pública Pró-Semiárido em Caém-BA, através dos estudos qualitativos do método LUME. Foram analisados o agroecossistema e divisão do trabalho no núcleo familiar, integração social e equidade de gênero, demonstrando as mudanças e avanços na gestão da família através do protagonismo da mulher, que foi grande incentivadora para o acesso da política pública e passou a se envolver mais nos processos político-sociais na comunidade.

Palavras-chave: Agroecologia; Feminismo; Agricultura Familiar; Políticas Públicas.

Keywords: Agroecology; Feminism; Family Farming; Public Policy.

Introdução

No contexto da agricultura familiar, as mulheres são as que mais contribuem para a soberania alimentar e a economia local, pois, como explica Pimbert (2009), elas são responsáveis pela maior parte do trabalho de produção, beneficiamento e comércio dos alimentos, além de estarem diretamente envolvidas com a alimentação familiar. De acordo com o autor, é a partir da sua estreita relação com a produção de autoconsumo que as mulheres detêm conhecimentos tradicionais e atuam de forma direta da manutenção da biodiversidade. A agroecologia contribui para elucidar o papel produtivo e político das agricultoras quando reconhece o trabalho e os saberes por elas desenvolvidos (HENN, 2013).

Por outro lado, ainda que exerçam atividades semelhantes ou iguais aos homens, as mulheres ocupam uma posição subordinada na unidade de produção familiar e as tarefas que desempenham geralmente são vistas como “ajuda”, além do trabalho doméstico, sob sua responsabilidade, ser considerado como secundário pelos outros membros da família, como explica Brumer (2004). Estudar as relações familiares



contribui para desvelar o lugar invisível que a mulher tem ocupado na divisão sexual do trabalho, sendo essencial apontar sua participação política como força social.

Para Siliprandi (2015), apesar das questões de gênero estarem definidas nas premissas e métodos da agroecologia como fundamentais para o entendimento de como se expressam as relações de poder no meio rural, há poucos aprofundamentos práticos nas pesquisas. Ainda se faz necessário dar destaque ao papel desempenhado pelas mulheres, o que pode ser possível através de ferramentas desenvolvidas para visibilizar seu trabalho e participação, como é o exemplo da Avaliação Econômica-Ecológica de Agroecossistemas, o método LUME desenvolvido pela Associação Agricultura Familiar e Agroecologia – ASP-TA e a Articulação Nacional de Agroecologia – ANA.

Conforme explica Pacheco (2002), para traçar uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e igualitário é preciso garantir espaços para o empoderamento das mulheres, superando as questões que as impedem de participar como sujeitos plenos de direitos assegurando-lhes apoio organizativo e capacitação técnica. Para isso, é essencial que as políticas públicas de apoio e fortalecimento da agricultura familiar possibilitem estes espaços. Na Bahia, o Projeto Pró-Semiárido é um exemplo de política pública que volta suas ações para valorização da agricultora, onde ela é protagonista no grupo de interesse do subsistema que escolhe, bem como homens e jovens, quebrando assim a lógica de “família beneficiária” de outros projetos que costumam atender diretamente o “chefe de família”. Este projeto é parte integrante de um conjunto de compromissos do Estado da Bahia para erradicação da pobreza no campo, a partir de um acordo de empréstimo firmado com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), da Organização das Nações Unidas – ONU (SEMEAR INTERNACIONAL, 2019).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi analisar a atuação e protagonismo da mulher agricultora em transição agroecológica, a partir da experiência da família Maia, participante do Projeto Pró-Semiárido em Caém-BA, através dos estudos qualitativos do método LUME.

Metodologia

A pesquisa foi realizada no agroecossistema da família Maia, onde vivem dona Helenita, Sr. Erivaldo e o filho Willian, localizada na comunidade rural Várzea Dantas em Caém, município baiano pertencente à microrregião de Jacobina. A propriedade possui uma área de 7,9 hectares, onde a família reside e realiza as atividades produtivas diversas, como avicultura, apicultura, bovinocultura, horticultura, fruticultura e agricultura em geral.

Para a realização da pesquisa, optou-se pela utilização de uma metodologia participativa com foco qualitativo através do método LUME, destacando temas das



relações de gênero e geração, o impacto e a adequação de políticas públicas, a divisão do trabalho nos subsistemas, entre outras (PETERSEN et al, 2017).

O estudo teve início com a realização de uma entrevista semiestruturada junto ao Núcleo Social de Gestão do Agroecossistema – NSGA, que é a família Maia, coletando informações que possibilitaram o entendimento e peculiaridades acerca da formação do agroecossistema. Foi considerado o período de um ano antes do acesso à política pública do Pró-semiárido até o ano atual, 2015 a 2019. Em seguida foi realizada uma travessia para conhecer a área e elaborado seu croqui, evidenciando onde cada membro atua. Também foi feita a trajetória da família com a elaboração de uma linha do tempo, através da qual pode-se entender como se deu toda a evolução temporal e a cronologia dos fatos que determinaram mudanças significativas. Estes registros foram analisados na plataforma desenvolvida em software livre do LUME, pela Cooperativa de Trabalho Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão - EITA, disponível em gitable.com/eita/lume.

Resultados e Discussão

A fim de investigar a atuação e o protagonismo de dona Helenita, como foco do trabalho, foram avaliados os itens Croqui do Agroecossistema, Integração Social e Equidade de Gênero e Protagonismo da Mulher. O croqui é parte importante para a construção da compreensão do sistema, foi desenhado pela família e permitiu visualizar e interpretar cada espaço, refletindo sobre as funções e uso, definindo cada subsistema (Figura 01). No agroecossistema da família Maia observa-se nove subsistemas (quintal-horta-pomar, aves ornamentais, aves caipiras, palma, apicultura, roçado, bovinos, peixes e licurizal), e a divisão de trabalho.





Figura 01. Croqui do Agroecossistema Recanto das Árvores da família Maia, dividido em subsistemas, Comunidade de Várzea Dantas/Caém/BA.

Percebe-se também, através da Figura 01, que dona Helenita está presente em diversos subsistemas, além do trabalho doméstico e outras atividades desenvolvidas fora do agroecossistema, o que faz com que sua carga de trabalho seja maior em relação aos outros membros do núcleo.

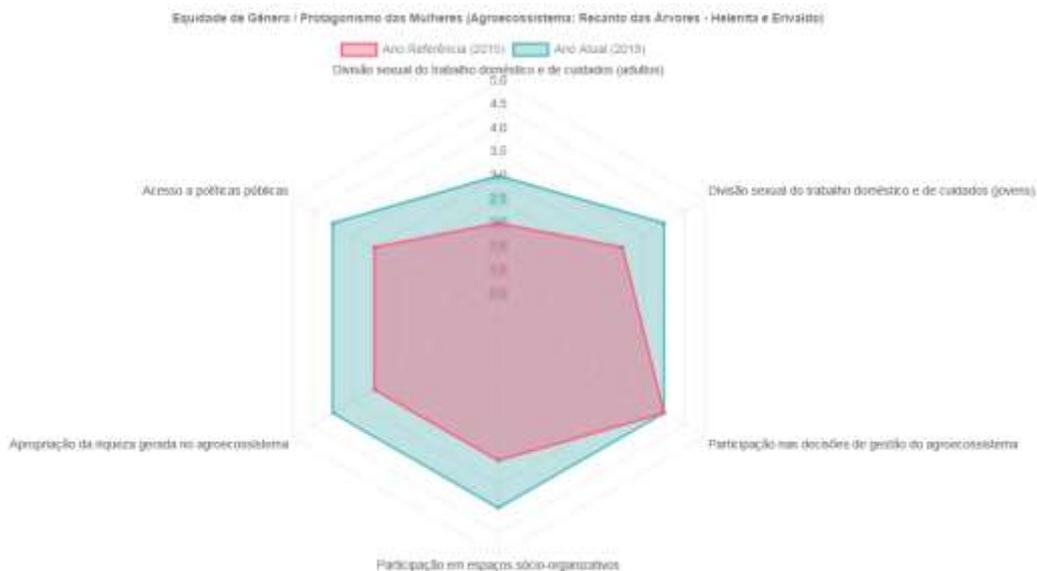


Gráfico 01. Equidade de Gênero e Protagonismo das Mulheres no Agroecossistema Recanto das Árvores entre 2015 e 2019, gerado através do software LUME.

Na Imagem 01 podemos verificar o protagonismo de Helenita no quintal-horta-pomar e outras atividades em torno da casa, voltadas para criação das aves e extrativismo de licuri e frutas. Neste sentido, o fortalecimento de seu trabalho, verificado através do Gráfico 01, é um dos resultados de sua participação do grupo de interesse Quintais Agroecológicos no projeto Pró-Semiárido, através do qual vem construindo maior autonomia nesse e em outros subsistemas.

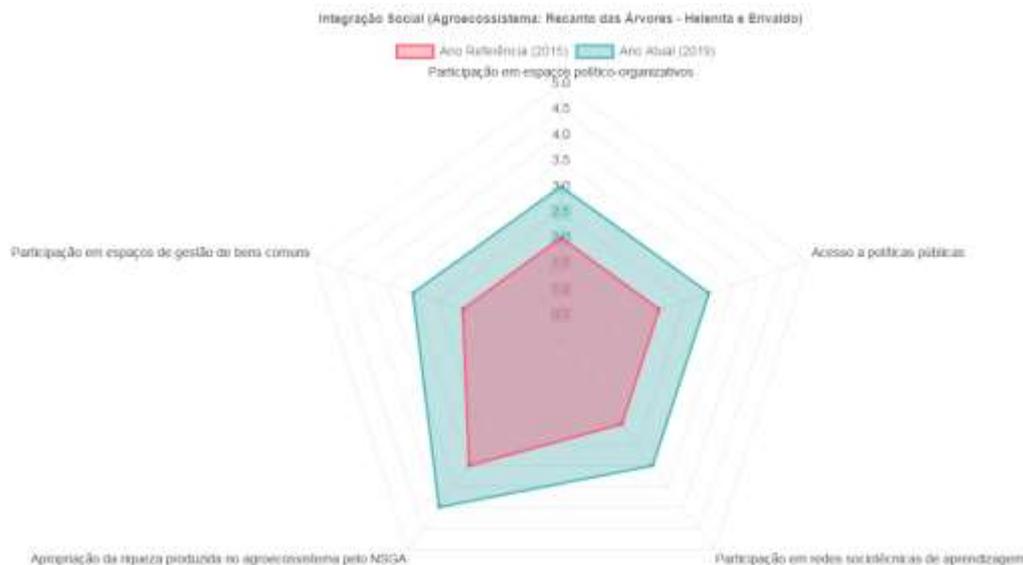


Gráfico 02. Integração Social da Família Maia no Agroecossistema Recanto das Árvores entre 2015 e 2019, gerado através do software LUME.

A participação do NSGA em cursos, oficinas e formações, tornou-se mais intensa após o acesso ao Pró-Semiárido, que desenvolve essas atividades de acordo com princípios agroecológicos. Neste sentido, dona Helenita vem se destacando na integração social (Gráfico 02), pois além de participar, é ela quem estimula o restante da família a se envolver nas ações da política pública. Além disso, faz parte do grupo de mulheres na produção de derivados da mandioca, que nasceu através do Projeto, participando assim de cursos, intercâmbios, produção e venda de biscoitos e bolos. Dona Helenita também é integrante da Associação Comunitária de Várzea Dantas, exercendo o cargo de tesoureira.

Conclusões

A transição agroecológica e o acesso à política pública Pró-Semiárido pela família Maia foram fatores importantes para a evolução social não só da família, mas da mulher como protagonista, que passou a participar mais das decisões da família e da gestão do agroecossistema, contribuindo para melhorar a divisão do trabalho doméstico enquanto participa de formações e eventos. Além disso, Dona Helenita passou a se envolver de forma mais ativa nos processos político-sociais e organizacionais em sua comunidade.

Referências bibliográficas

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do rio grande do sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360 p., 2004.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



HENN, I. A. Agroecologia e relações de gênero em projeto societário. In: **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos** – Niterói: Alternativa, 2013.

PACHECO, M. E. L. Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. In: **Perspectivas de Gênero: debates e questões para as ONGs**. Recife: SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.

PETERSEN, P. et al. **Método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas**. Rio de Janeiro, RJ: AS-PTA, 2017. 246 p.

PIMBERT, M. Mulheres e soberania alimentar. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 6. n. 4, p. 41-45, 2009.

SEMEAR INTERNACIONAL. **Projeto Pró-Semiárido na Bahia**, disponível em <<http://portalsemear.org.br/fida/projeto-pro-semiarido-bahia/>>, acesso em 13 de junho de 2019.

SILIPRANDI, E. C. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas** – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 352 p.